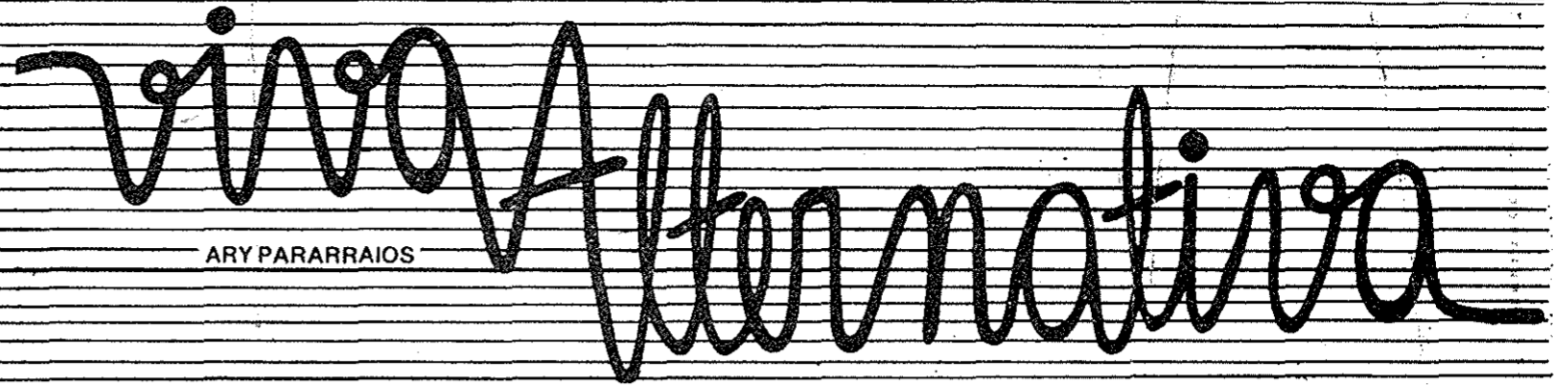




RELAXAR Pelos ouvidos

Spectrum Suite, Zodiaca Suite, Comfort Zone, Starborn Suite, Eastern Peace e Comfort Zone II são as fitas cassete criadas pelo médico e PhD em música Psicoacústica americano Steven Halpern. Elas têm alcançado sucesso no mundo inteiro pelas suas propriedades terapêuticas. Usadas sem contra-indicação para relaxamento foram testadas e aprovadas para uso nas mais diversas atividades. Fábricas, estabelecimentos comerciais, academias de dança, escritórios, repartições públicas e escolas aprovaram seu uso. Informações pelo telefone 273-9914 no período da tarde.



ARY PARARRAIOS

A comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara dos Deputados e a Universidade Católica de Goiás convidam para A Década da Destruição, série de filmes, e Conseqüências Ambientais da Política de Ocupação do Noroeste Brasileiro; o caso Rondônia, em debates. A programação começa hoje, às 9 da manhã, com palestras dos deputados Adail Vitorazzo e Fernando Cunha. Dura dois dias com exibição de filmes, depoimentos e exibição de documentos, no Auditório Nereu Ramos, da Câmara dos Deputados.

Para quem ainda duvida da gravidade do sacrifício da nossa poluição ambiental, para quem se atém apenas no paliativo sem reconhecer a urgência de cuidados com a ecologia, a iniciativa dos promotores traz descobertas e elucidações. Estarão lá, ajudando a memória e aguçando o conhecimento dos interessados o ecologista José Lutzemberger, da Agapan, Associação Gaúcha de Proteção à Natureza; Enéas Salati, Climatologista, e ex-diretor da INPA, Instituto Nacional de Pesquisas na Amazônia; o advogado Fábio Celdman, presidente da Comissão de Meio Ambiente da OAB; jornalista Lúcio Flávio Pinto; antropóloga Betty Mindlin, professora do Dep. de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP; antropólogo Olympio Serra, da Fundação Pró-Memória e o também antropólogo padre José Pereira Maria, reitor da UCG.

A série A Década da Destruição é composta de quatro filmes, com duração total de 3 horas e 15 minutos, dirigidos por Adrian Cowel. As filmagens foram feitas durante mais de quatro anos (de 1980 a 1984), com locações principalmente no então Território — hoje Estado — de Rondônia. Os quatro filmes apresentam, em seu conjunto, a desastrosa política de colonização desenvolvida em Rondônia pelo Governo, com as conseqüências de conflitos entre colonos e índios, a destruição desenfreada das florestas e o desequilíbrio ecológico provocado pelo desmatamento. Os filmes foram produzidos pela Universidade Católica de Goiás e Central Television, de Londres.

Os dois primeiros filmes — Na trilha dos Uru-Eu Wau Wau e O Caminho do Fogo apresentam a tragédia dos índios acossados pela chegada dos colonos e a abertura das estradas em território indígena. O terceiro — Nas cinzas da floresta — é protagonizado, em grande parte, pelo agrônomo e ecologista José Lutzemberger, e mostra a frustração do colono, que, induzido a destruir a mata, vê-se depois sem condições de retirar da terra a riqueza sonhada. E, finalmente, o quarto filme — As tempestades da Amazônia —, com locações na região e também em laboratórios em São Paulo — apresenta os efeitos do desmatamento sobre o clima e o sistema de chuvas da área amazônica.

A série de filmes "A Década da Destruição" teve uma divulgação relativamente pequena no Brasil. A Rede Globo apresentou, em janeiro de 1984, uma parte do 1º filme, em seu programa Globo Repórter. Além disso, têm havido apresentações em cineclubes, escolas e entidades culturais, promovidas pela Universida-



de Católica de Goiás, através do seu Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (Igpa). No exterior, entretanto, a série tem sido muito divulgada, com apresentações nas televisões da Inglaterra, da Alemanha e do Japão, entre vários países. A Década da Destruição foi mostrada também em outros países, sobretudo da Europa, em sessões especiais em Universidades e associações culturais. A imprensa internacional sempre deu grande destaque às apresentações, com críticas altamente favoráveis. Uma reação de um espectador de Brighton, Inglaterra, em carta à revista **Veja**, revela a profunda impressão

Foto: Adrian Cowel



*O lucro louco que se tem com a mata
mata o louco que vem com o lucro*
Ti Catalão

MEIO AMBIENTE

A Década da Destruição

causada pela série. Depois de comparar a série sobre Rondônia com o filme "O dia seguinte", Paulo Heise escreveu: "A diferença fundamental entre o que mostram os dois filmes é que um deles (The Day After) trata de uma ameaça, enquanto o outro mostra a realidade de uma destruição."

Mas a ressonância mais profunda dos filmes pode ser sentida no Senado dos Estados Unidos, onde a Comissão de Apropriações para Operações Estrangeiras assistiu à série, em sessão especial, dia 20 de setembro de 1984, com a presença de José Lutzemberger.

Impressionados com as informações sobre a desordem provocada pela migração para Rondônia, os senadores da Comissão, que já vinham recebendo outras denúncias de descumprimento das promessas feitas pelo Governo Brasileiro de um atendimento satisfatório aos índios da região e de ocupação racional do meio ambiente, gestionaram junto ao Banco Mundial, financiador do Projeto Polonoeste, para que tomasse providências.

A DÉCADA DA DESTRUIÇÃO

A Década da Destruição é uma série de documentários produzidos, pela CENTRAL TELEVISION de Londres, em Co-produção com a Universidade Católica de Goiás, através da equipe do IGPA Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia.

A versão brasileira da série que ora apresentamos é constituída por quatro filmes que, no seu conjunto, mostram a política de colonização desenvolvida pelo governo brasileiro em Rondônia. NA TRILHA DOS URU-EU WAU WAU

A história de um menino seqüestrado inicia a série de filmes **Década da Destruição** que mostra a destruição da selva amazônica e seus efeitos sobre o meio ambiente e seus habitantes.

Em 1980, no meio da floresta, Fábio Prestes, de 7 anos, filho de um pobre colono em Rondônia, está ajudando seus dois irmãos mais velhos a pescar. De repente eles são brutalmente atacados por uma tribo local de índios. O menino mais velho é morto. O segundo é fatalmente ferido e Fábio é seqüestrado. A história comvente da família Prestes é típica dos problemas humanos causados pela exploração e destruição da floresta. Quando Chico Prestes, pai dos meninos, recebeu do Incra um lote na floresta para cultivar, ele não foi prevenido sobre as possíveis represálias dos índios cuja saúde e sobrevivência são ameaçados pelos colonos. No filme, a luta do pai pela busca do filho vai revelar uma história horrível de ataques e massacres dos colonos contra a tribo indígena chamada Uru-eu wau wau. Mas, quando a expedição da Funai tenta fazer a pacificação, os índios atacam de novo...

O filme persegue as cenas da procura de Chico Prestes, de avanço da expedição e da sociedade tradicional da fronteira — os caçadores de pele, os garimpeiros, os seringueiros que, durante anos, estão empurrando os índios para as áreas mais densas da selva virgem da Amazônia. Na sua busca aos índios, a expedição explora os caminhos desconhecidos e acampamentos que os índios deixam temporariamente abandonados. Finalmente, estabelece uma base no Planalto de Alta Lídia, no coração do território Uru-eu wau wau. Mas, apesar da colocação estratégica de centenas de presentes, como oferta de amizade, nem os índios nem Fábio foram vistos até o fim do ano.

Somente a mulher de Chico Prestes tem a esperança de que o filho ainda esteja vivo. Ela fala com Fábio através de um médium nas sessões de macumba.

O CAMINHO DO FOGO

Este filme, o segundo da série, mostra cenas históricas do momento em que os índios, anteriormente tão arredios, se mostram a expedição da Funai. Este foi o primeiro contato com os até então não vistos Uru-eu Wau Wau e responsáveis pelo seqüestro de Fábio Prestes. O tão esperado encontro acontece no segundo ano da expedição, cujo objetivo é garantir a sobrevivência dos índios. Os membros da expedição carregam com eles medicamentos para combater epidemias, como sarampo, contra o qual no momento os

índios não têm imunidade. A expedição fora atacada 4 vezes quando, de repente, a tribo surge da floresta à procura da paz. O nervosismo inicial desta primeira visita, gradativamente transforma-se em visitas regulares dos índios ao Posto da expedição. Só depois de algum tempo se tem notícias do destino de Fábio e estas não são boas... Durante a realização das filmagens, os Uru-eu Wau Wau vacilam entre permanecerem hostis ou assimilarem-se a nossa sociedade. Enquanto uma estrada é aberta no território, eles atacam os colonos que entram para incendiar a floresta. Estas famílias pobres se tornam as outras vítimas da política de ocupação da floresta.

O filme mostra o destino das famílias com os lotes mais próximos dos Uru-eu Wau Wau como Renato e sua esposa Maria. Eles dizem que preferem arriscar as vidas de seus 5 filhos a condená-los a uma vida de pobreza, tal como viviam no Sul. Mas, ao final do ano eles já estão em desespero. Seus filhos estão com malária, sua terra estéril e eles estão sob constante ameaça dos índios que já saquearam duas casas vizinhas. Seria melhor para eles, diz Renato, se eles nunca tivessem recebido do Incra este lote de terra.

NAS CINZAS DA FLORESTA

"Se o desmatamento continuar no ritmo captado pelas imagens de satélite, então o Estado de Rondônia, que é mais ou menos do tamanho da Alemanha Ocidental, perderá toda sua floresta até 1990". Estas são as palavras fatídicas, do mais conhecido ecologista do Brasil, Dr. José Lutzemberger, o apresentador de **Nas Cinzas da Floresta**, o terceiro filme da série **A Década da Destruição**. Neste filme, Lutzemberger percorre a floresta enquanto ela está sendo derrubada e sugere alternativas ao desenvolvimento irracional causado pelas ondas sempre crescentes de migração. Ele afirma que o solo de Rondônia não agüenta ficar exposto ao sol e às chuvas sem a cobertura vegetal: "Se você conserva a floresta ela tem condições de alimentá-lo. Mas, se você a derruba, o solo poderá se tornar tão estéril que ali nada crescerá". Na opinião de Lutzemberger, Rondônia seria melhor desenvolvida com a exploração racional de seus recursos, como a economia dos tradicionais seringueiros.

"Os seringueiros não destroem a floresta. Eles vivem dela. Cada seringueiro tem suas estradas e seu território. Mas, como os índios, ele não tem senso de propriedade da terra. Para ele, a floresta é para ser usada e não para ser vendida. Ele risca cada árvore, para tirar o leite, duas vezes por semana — um uso contínuo da floresta que a preserva para sempre. O Brasil, hoje, importa dois terços da borracha natural que necessita. Entretanto nós poderíamos facilmente ser auto-suficientes em borracha natural se soubéssemos aproveitar melhor a floresta existente".

Lutzemberger acredita que a maior parte dos migrantes de Rondônia não tem mais o desejo de possuir e cuidar da terra. Sua meta é ocupar a terra pelos cinco anos necessários para legalizar o título e depois vendê-la aos especuladores. Ele argumenta que a aliança entre os migrantes gananciosos da terra e um governo procurando desesperadamente o apoio popular, é a chave para entender o que está acontecendo, e que Rondônia tem se tornado uma colônia para o complexo industrial de São Paulo.

Diz Lutzemberger: "Não há um mínimo de sensibilidade e reverência para este maravilhoso ecossistema — a floresta tropical, que é o re-



sultado de milhões de anos de paciência e irreversível evolução orgânica — uma tecnologia infinitamente mais sofisticada que qualquer outra que o homem pudesse conceber. De fato, os únicos melos que estes homens conhecem, são a destruição, a devastação".

No filme "As Tempestades da Amazônia" de Adrian Cowel o cientista Dr. Enéas Salati, demonstra como o desmatamento mudaria o clima da Amazônia e das regiões circunvizinhas. Seus 15 anos de pesquisa na Amazônia demonstram que as árvores servem como bombas empurrando a umidade para a atmosfera.